VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

A TALIDOMIDA NOS JORNAIS DO RIO DE JANEIRO EM 1962

José Augusto Leandro*
Francieli Lunelli Santos**

Durante a década de 1950, em diversas partes da sociedade ocidental, aspectos da vida econômica e cultural se alteraram. Profundas mudanças na industrialização e na ciência permitiram o desenvolvimento e a democratização de bens de consumo, alterando hábitos cotidianos, sobretudo em ambientes urbanos. A indústria química e a farmacêutica, segundo Hobsbawm (1995), se beneficiaram amplamente desse contexto. Novos fármacos e produtos de toalete lançados na Europa em reconstrução e nos Estados Unidos reforçaram os 'anos dourados' da indústria farmacêutica. Esta também teve um forte crescimento no Brasil, desde a década de 1940, com ou sem o aval do capital estrangeiro, acompanhando as novidades oportunizadas pelo advento da quimiossíntese (EDLER, 2006).

* Professor Associado do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa; coordenador do Núcleo de Estudos em Saúde Pública, Doença e Assistência à Saúde no Brasil, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Campus Uvaranas - Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - CEP 84030-900 Ponta Grossa –Paraná. Email: joseaugustoleandro@gmail.com

** Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Professora formadora no Curso de Licenciatura em História e Pós-Graduação em História, Arte e Cultura, integrante do Núcleo de Estudos em Saúde Pública, Doença e Assistência em Saúde no Brasil. Campus Uvaranas - Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - CEP 84030-900 Ponta Grossa – Paraná. Email: francieli.lunelli@gmail.com

As mudanças do período – consideradas como melhorias da vida moderna – eram incorporadas de maneira rápida através da propaganda nos meios de comunicação impressa. Porém, a conjuntura que trazia esperança e desenvolvimento para a indústria de medicamentos, no pós-guerra, também demonstrava certa fragilidade, uma vez que o frenético aumento das vendas das novas pílulas não era acompanhado do necessário cuidado sobre os efeitos das mesmas. No que dizia respeito ao consumo de medicamentos, um comportamento feminino tornava-se cada vez mais evidente: a dependência (e a síndrome da abstinência) de barbitúricos amplamente prescritos para controlar insônia, para causar tolerância comportamental e para auxiliar em outros desconfortos psicológicos da vida cotidiana. A medicalização via fármacos tomava proporções nunca antes vistas e cada vez mais se buscava medicamentos novos que pudessem ser classificados como 'seguros' quanto aos seus efeitos colaterais. Vale lembrar que os barbitúricos e demais remédios que induziam ao sono eram frequentemente utilizados para suicídio (BRYNNER; STEPHENS, 2001, p. 4).

A talidomida foi um medicamento desenvolvido na Alemanha, pela companhia farmacêutica *Chemie Grunenthal* no início da década de 1950, a partir da síntese do ácido glutâmico 2-ftalimidoglutarimida**.** A droga – um sonífero e antiemético – foi anunciada pelos seus criadores como um produto 'atóxico'. Como sonífero apresentava segurança, uma vez que se alguém tentasse suicídio tomando grandes quantidades de comprimidos, tal intento não seria alcançado.

Logo o fármaco adquiriu feição de panaceia e rapidamente alcançou mercado mundial. Foi comercializado em 46 países nos 5 continentes (OLIVEIRA e col., 1999, p.101). Já em 1956, nos folhetos promocionais de empresa alemã, a talidomida era sugerida para "irritabilidade, baixa concentração, estado de pânico, ejaculação precoce, tensão pré-menstrual, medo de ser examinado, desordens funcionais do estômago e vesícula biliar, doenças infecciosas febris, depressão leve, ansiedade, hipertireoidismo e tuberculose" (OLIVEIRA e col., 1999, p.101) No Brasil, o medicamento foi utilizado a partir de 1959 primeiramente com o nome de *Sedalis*; no seu país de origem a talidomida popularizou-se com o nome de *Contergan* (LEANDRO; SANTOS, 2013).

No final de 1961 vieram à tona resultados de pesquisas que comprovaram efeitos teratogênicos da talidomida. Entre eles destacava-se a focomelia (deficiência congênita caracterizada pelo encurtamento de membros superiores/inferiores); antes disso, médicos diversos já haviam sugerido relação da droga com o desenvolvimento de neuropatia

periférica e tonturas. No Brasil, os efeitos adversos foram divulgados pela mídia impressa somente a partir de março de 1962. O destaque dado pela mídia foi direcionado aos casos de crianças nascidas com a síndrome teratogênica, causada pelo consumo do medicamento por suas mães durante o estágio de gravidez. Às crianças foram atribuídos termos como 'bebês da talidomida' e 'crianças-monstro'.

Na literatura sobre o tema, não existe consenso quanto ao número de casos de bebês nascidos com a síndrome da talidomida ao redor do mundo. Diagnósticos precisos sobre os aspectos clínicos dos corpos atingidos pelos efeitos deletérios da droga só foram desenvolvidos ao longo da década de 1960. Cogita-se, por conta disso, que muitos casos nem chegaram a ser contabilizados como síndrome da talidomida. E também há registros de que muitas crianças faleceram com poucos dias ou meses de vida, sem que a *causa-mortis* tenha sido atribuída ao medicamento. Mesmo assim, Meira e colaboradores (2004, p.3) nos informam que alguns autores sugerem cifras divergentes, porém altas, de nascimentos de bebês com deformidades físicas: "Segundo Matthews & McCoy (2003) um total de 8.000 a 12.000 crianças foram afetadas pelos efeitos teratogênicos da talidomida na década de 60 e, segundo Oliveira e colaboradores (1999), esse número é de 10.000 a 15.000 crianças em todo o mundo". Para o Brasil, estima-se em trezentos o número de atingidos até 1965, a chamada primeira geração (OLIVEIRA e col., 1999, p.103).

A TRAGÉDIA DA TALIDOMIDA NOS JORNAIS

Identificou-se pela análise na mídia impressa brasileira que em 22 de março de 1959 a primeira propaganda da talidomida foi veiculada em vários jornais, com anúncios dirigidos a médicos, de forma a informá-los sobre os benefícios da droga, comercializada sob o nome *Sedalis*, pelo Laboratório Instituto Pinheiros S.A. Tal propaganda afirmava ser a talidomida medicamento 'destituído de efeitos secundários' e dizia tratar-se de 'sedativo-hipnótico não barbitúrico'. Foi assim publicado com destaque na primeira página dos jornais *Correio da Manhã*, RJ, *Estado de São Paulo*, SP, e *Diário do Paraná*, PR.

Exatos três anos depois, a talidomida voltou a ser noticiada na mídia impressa. Desta vez não mais em peças publicitárias, mas em notícias que relatavam a associação entre o medicamento e o nascimento de bebês com deficiências físicas. Como divulgou o

jornal *Última Hora*, em 22 de março: "Maldita – Secretário de Saúde determinou o recolhimento do remédio 'Sedalis' elaborado com a 'talidomida', a 'droga maldita', acusada de provocar o nascimento de crianças deformadas – até que seja provada sua inofensividade" (ÚLTIMA HORA, 22 mar. 1962, p. 2). Na Europa, a partir de dezembro de 1961, com os estudos do médico alemão W. Lenz, ficou provada a relação entre o consumo do medicamento no primeiro trimestre de gestação e os aspectos teratológicos dos corpos das crianças. A imprensa europeia passou então a noticiar o evento trágico. No Brasil, por sua vez, somente em março do ano seguinte vieram à tona, pelos jornais, os fatos sobre a iatrogenia medicamentosa.

A pesquisa desenvolvida buscou analisar todas as notícias publicadas na imprensa carioca no ano de 1962, com vistas a traçar uma cronologia do evento da síndrome da talidomida no país nos primeiros seis meses. Nesta cronologia inicial interessou-nos acompanhar as ações governamentais sobre a retirada do medicamento do mercado. Pelas matérias jornalísticas é possível inferir que tais procedimentos não foram totalmente resolutivos no país.

> A comprovação de que a venda continua a ser feita quem a obteve foi o nosso companheiro Eurico Andrade, que adquiriu, pessoalmente, numa farmácia do Recife, um vidro de 'Slip'. Preço: Cr$500. É esse, presentemente, o custo do pavor. Não teve o repórter dificuldade na aquisição do produto, encontrado nos estabelecimentos farmacêuticos daquela Capital, apesar das declarações tranquilizadoras do médico Fernando Luz Filho, diretor do SNFM, de que estão vedados, no Brasil, o fabrico, a venda e o uso de tais medicamentos... (Última Hora, 06 ago., 1962, p. 2).

A partir da última semana do mês de março de 1962 os jornais passam a publicar, com certa frequência, que todos os estados brasileiros deveriam ter seus estoques de talidomida recolhidos por ações coordenadas pelo governo. O órgão geral responsável pelo recolhimento desses medicamentos era o Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina e Farmácia. Os jornais noticiaram com frequência as ações coordenadas pelo Dr. Fernando Luz Filho, diretor do SNFMF. Segundo uma matéria do *Correio da Manhã*, as farmácias eram periodicamente fiscalizadas por um inspetor do órgão no estado da Guanabara, que somente nesse estado era responsável pela visita em 400 estabelecimentos.

Em 29 de março, o Dr. Lauro Sollero entregou ao SNFMF um relatório sobre análises feitas com os medicamentos que continham talidomida, *Sedalis, Sedin* e *Slip*. Segundo ele, ficou evidente

> a ação teratogênica da 'Talidomida', substância básica dos produtos [...] a autoridade sanitária agiu com energia ao determinar a apreensão imediata dos produtos. A seguir, sugere, de acordo com a legislação em vigor, sejam cassadas as licenças concedidas aos estabelecimentos farmacêuticos que fabricam as drogas condenadas. (CORREIO DA MANHÃ, 30 mar., 1962, p. 4)

A tragédia seguiu noticiada até o mês de agosto quando o SNFMF anunciou o encerramento da apreensão do fármaco:

> O sr. Francisco Laport, diretor do Serviço de Fiscalização da Medicina, disse ontem à reportagem que já foram apreendidas várias unidades de remédios fabricados à base de "Talidomida". Frisou que trabalho idêntico foi desenvolvido por aquêle órgão, há cêrca de quatro meses, daí as quantidades mínimas encontradas, agora, nas farmácias. A apreensão das drogas em todo o Estado está sendo feita com a colaboração das administrações regionais. [...] Até ontem, o SFM havia apreendido cinco vidros de "Slip", um dos principais produtos farmacêuticos fabricados com "Talidomida". Quatro dêles foram encontrados na Tijuca e um outro na Penha. [...] As farmácias onde foram encontradas as drogas serão vistoriadas por um farmacêutico, que fará levantamento geral de todos os seus medicamentos. (CORREIO DA MANHÃ, 18 ago., 1962, p. 3)

Além da pesquisa ter sido empreendida com vistas a estabelecer uma cronologia dos eventos referentes à talidomida no país, buscamos também analisar as representações elaboradas pela mídia impressa sobre os corpos dos bebês atingidos pelos efeitos nocivos da droga.

REPRESENTAÇÕES SOBRE A TALIDOMIDA E OS CORPOS DOS BEBÊS

Naquele ano de 1962, os jornais do Rio de Janeiro, assim como boa parte da mídia impressa europeia, enfatizaram sobremaneira os efeitos teratogênicos da droga no corpo dos bebês. A deficiência no corpo dos recém nascidos, decorrente do uso da talidomida pelas mães durante o período gestacional, gerou diversas matérias jornalísticas. De maneira obsessiva a imprensa descreveu a talidomida como "droga maldita" que gerava "monstros".

Assim, um aspecto destacou-se no interior desse conjunto de representações sobre os efeitos teratogênicos da droga, qual seja, o uso reiterado da palavra 'monstro' e 'monstruosidade' para se referir aos recém-nascidos também chamados 'filhos da talidomida'. A partir de Moscovici (2003), pensa-se que a mídia impressa, naquele momento, fez uma determinada conexão entre o mundo científico e o senso comum, vulgarizando o conhecimento sobre o medicamento. O psicólogo social nos lembra que

> O senso comum está continuamente sendo criado e recriado em nossas sociedades, especialmente onde o conhecimento científico e tecnológico está popularizado. Seu conteúdo, as imagens simbólicas derivadas da ciência em que ele está baseado e que, enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, estão constantemente sendo retocadas (MOSCOVICI, 2012, p. 95).

As ideias de Moscovici sobre ancoragem, um dos processos que gera representações sociais, foram (e são), consequentemente, importantes para o estudo empreendido. A ancoragem, para ele, "é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. [...] Ancorar, é pois, classificar e dar nome a alguma coisa" (MOSCOVICI, 2012, p. 61). A mídia impressa pesquisada representou o corpo da criança vitimada pela talidomida a partir de uma ancoragem na etimologia da palavra teratologia, que é originária do grego teratos = "monstro" + logos = "estudo".

Revistas como *O Cruzeiro*, *Fon-Fon*, *Vida Doméstica*, por exemplo, disseminavam, há mais tempo, representações da infância em diversas fases do desenvolvimento, sobretudo de bebês. As imagens dos corpos evocavam movimento, beleza, saúde e cuidado com as crianças como elementos de equilíbrio social e normalidade (BRITES, 2000; ASSUNÇÃO, ASSIS, CAMPOS, 2012). Tornavam-se padrões a serem incorporados pelas famílias. Em oposição a isto, imagens que identificassem outras representações, fora daquelas já citadas, eram consideradas distúrbios, desvios a serem corrigidos (BRITES, 2000). Pobreza, falta de higiene e questões étnicas apareciam nesses periódicos como aspectos a serem melhorados na sociedade. Contudo, nas representações veiculadas desde essa época, imagens de crianças com deficiência eram comumente ignoradas.

Por sua vez, a partir de março de 1962, a imprensa brasileira passa a dar publicidade aos efeitos maléficos da talidomida. A representação reforçada pelos jornais,

em que foram encontradas notícias sobre a talidomida, é de desumanização das crianças com a síndrome. Ao insistir na imagem de 'monstro' atrelada à deficiência, os jornais rejeitavam o aspecto de humanidade de tais crianças. Brynner e Stephens apontam que 'monstro' também foi uma palavra utilizada na Europa quando a tragédia veio à tona (2001, p. 62). Os autores indicam que durante a década de 1960 o mundo passava a compreender o significado de mutação genética, com o nascimento da segunda geração de vítimas de Hiroshima e Nagasaki. O aumento de números de nascimentos com defeitos congênitos sofridos por vítimas da talidomida e as malformações de mutação (2001, p. 62) logo gerou a associação com elementos de filmes de ficção científica. "O que tinha acontecido com as vítimas da talidomida? Eram mutantes?" (2001, p. 62).

Pode-se afirmar que os jornais do Rio de Janeiro analisados no ano de 1962 construíram, via talidomida, uma determinada noção da deficiência para os bebês nascidos com os impactos maléficos da droga. A mídia impressa construiu essas representações não levando em consideração o sentimento de pais e demais familiares atingidos pelo fenômeno. Estes, desnorteados pelo evento, teriam de lidar não apenas com o estigma de possuir em seu círculo mais íntimo um ente com deficiência física, mas também teriam de enfrentar o estigma produzido pelos efeitos negativos do uso reiterado do termo 'monstro' estampado em jornais e revistas.

Os jornais editados na cidade do Rio de Janeiro não olharam para a talidomida com vistas a entender o fenômeno num quadro mais amplo e complexo. A exceção ficou por conta de uma crônica publicada no *Jornal do Brasil*, escrita por Ferreira Gullar. Com inspiração em Huxley, destacou que se o triunfo da técnica e da ciência do "Mundo Novo" (título da crônica) podia trazer benesses, também podia gerar catástrofes. Diferentemente dos demais textos jornalísticos analisados, Gullar tece um panorama denso e sombrio daquele momento em que o episódio da talidomida ainda se fazia presente na sociedade de maneira desconcertante.

> Não é menor indício do progresso científico o desastre provocado, em quase todos os países ocidentais, pela famigerada Thalidomide, a droga tranqüilizante que terminou por precipitar o mundo num pesadelo real, gerando bebês mutilados. O homem, sem nenhuma dúvida, desencadeou forças poderosas, muitas das quais ainda não é ele capaz de controlar. Uma delas, muito antiga, é a ambição do lucro. O caso desse tranquilizante que assusta o mundo vem demonstrar a necessidade, também nesse campo, de que a humanidade não permaneça à mercê de interesses particulares e espúrios. Remédio não pode, como razão principal, render lucros (JORNAL DO BRASIL, 14 ago., 1962, p. 4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

A Noite, 1962.

Correio da Manhã, 1959-1962.

Diário do Paraná, 1959-1962.

Estado de São Paulo, 1959.

Jornal do Brasil, 1962.

Novos Rumos, 1962.

Última Hora, 1962.

Bibliografia

ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza; ASSIS, Raquel Martins de; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis na revista Pais & Filhos (1968-1977). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 34, p. 571-587, 2012.

BRITES, Olga. Crianças de Revista (1930-50). *Revista de Educação da Usp*, São Paulo, v. 26, p. 161-176, 2000.

BRYNNER, Rock; STEPHENS, Trent. *Dark remedy:* the impact of thalidomide and its revival as a vital medicine.Cambridge: Basic Books, 2001.

CONEGLIAN, Lucimar; SCHEREMETA, Carla Denise. Talidomida no Brasil: Teratologia e representações sociais elaboradas pela mídia impressa em 1962. In: *Anais da VII Jornada de Sociologia da Saúde*. Curitiba: Ufpr, 2013. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/sociologiasaude/files/2013/12/TALIDOMIDA-NO-BRASIL-TERATOLOGIA.pdf. Acesso em 13 jan. 2013.

EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e Pharmacias*: uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEANDRO, José Augusto; SANTOS, Francieli Lunelli. Talidomida no Brasil: "à distinta classe médica". In: *Anais da VII Jornada de Sociologia da Saúde*. Curitiba: Ufpr, 2013.

Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/sociologiasaude/files/2013/12/TALIDO_MIDA-NO-BRASIL-À-DISTINTA-CLASSE-MÉDICA.pdf. Acesso em 13 jan. 2013.

LONDON SUNDAY TIMES. *Suffer the children*: the story of thalidomide. New York: Viking Press, 1979.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*: investigações em Psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; Bermudez, Jorge Antônio Zepeda; Souza, Arthur Custódio Moreira de. Talidomida no Brasil: vigilância com responsabilidade compartilhada? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, p.99-112, jan. 1999.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGUIGNON, Jussara; OLIVEIRA JR., Constantino Ribeiro de. *Pesquisa em Ciências Sociais*: interfaces, debates, metodologias. Ponta Grossa: Editora Todapalavra, 2012, p.49-77.

TEFF, Harvey; MUNRO, Colin R. *Thalidomide*: the legal aftermath. Farnborough, Hants: Saxon House, 1976.